

AUTOMEDICAÇÃO ANALGÉSICA ENTRE OS ACADÊMICOS DO 3º E 8º PERÍODO DO CURSO DE MEDICINA DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR DE PORTO VELHO RONDÔNIA

Ana Carolina Rimoldi FACHINELLO¹; Anna Karolina Gomes RODRIGUES¹; Arlindo Gonzaga BRANCO JUNIOR¹; Giovanni Rotundo BUENO¹; Heloísa Magnoler Alencar da SILVA¹; Igor Matheus Pinho SANTOS¹; Marianna Boaventura MANFROI¹; Rafael Carlos PUTTIN¹

1. Centro Universitário São Lucas (UniSL), Porto Velho, Brasil.

*Autor Correspondente: annakarolinagomes@hotmail.com

Recebido em: 7 de março de 2019 - **Aceito em:** 30 de setembro de 2019

RESUMO: A automedicação conceitua-se como uma prática de tratamento de sinais e sintomas por meio da utilização de medicamentos sem prescrição médica. Neste estudo, foi desenvolvido um questionário para acadêmicos de medicina dos terceiro e oitavo períodos do Centro Universitário São Lucas, com o objetivo de avaliar se há diferença no grau de automedicação entre os estudantes que já cursaram farmacologia e os que ainda não cursaram, verificando, desta forma, quais os analgésicos mais utilizados pelos estudantes e os potenciais riscos do uso crônico. Diante desta temática, foi entrevistada uma população de 56 acadêmicos dos terceiro e oitavo períodos, nos quais 100% conheciam a definição de automedicação. Com relação ao conhecimento sobre o medicamento por meio da leitura da bula, os acadêmicos do oitavo período mostraram mais disposição para lê-la, comparativamente aos do terceiro. Sobre a ida ao médico em caso de dor, a maioria dos acadêmicos dos dois períodos mostrou-se avessa a esta prática. Quanto à indicação do medicamento, a maioria dos alunos do terceiro período é influenciada pela família, enquanto os do oitavo tomam por conta própria. A respeito das reações adversas, a maioria da população dos dois grupos mostrou-se não sofrer com tal problemática. Ao avaliar os analgésicos mais utilizados pelos alunos que se automedicam, o resultado foi: Dipirona, Paracetamol e Dorflex®. Por fim, ao analisar sobre as patologias que mais levam à prática abordada, o resultado foi: cefaleia, dores musculares e cólicas.

PALAVRAS-CHAVE: Automedicação. Dor. Analgésico.

INTRODUÇÃO

A automedicação é conceituada como o uso de medicamentos por conta própria, sem a avaliação prévia de um profissional de saúde ou por indicação de pessoas sem conhecimento suficiente (NAVES *et al.*, 2010), em que o usuário, incomodado com seus sintomas, procura medicamentos de efeito rápido e disponíveis em farmácias livremente (GALATO, 2018).

Dentre os problemas mais conhecidos decorrentes desta prática está a intoxicação, que, segundo a Fiocruz (2016), ocupa o primeiro lugar dentre as causas de intoxicação registradas em todo o país (34%), à frente dos produtos químicos industriais (4,6%), dos agrotóxicos (5,6%) e animais peçonhentos (22,2%). Além disso, há a possibilidade de agravamento de uma doença pelo mascaramento dos sintomas com o uso de medicações sem efetuar exames prévios

ou passar pela análise de um médico (NAVES *et al.*, 2010). O uso prolongado em altas doses de alguns medicamentos também pode causar hepatotoxicidade e, a longo prazo, falência hepática e insuficiência renal (TERRES, 2015). Um exemplo é o paracetamol, medicamento largamente utilizado tanto pelo fácil acesso e desconhecimento da população sobre seus efeitos tóxicos quando usado de maneira inadequada, quanto pelo seu efeito analgésico-antitérmico eficaz (LOPES, 2012).

Segundo Silva (2013), os fatores que levam a população ao uso indiscriminado de medicamentos são a negligência em relação à obrigatoriedade de receita médica, o fácil acesso a estes, o difícil acesso ao sistema de saúde e a qualidade ruim de como os fármacos são ofertados. O último fator é explicado a partir da oferta dos fármacos ser do setor privado e, assim, promovida por

funcionários leigos, muitas vezes, como balconistas e atendentes (NAVES *et al.*, 2010). Observa-se, por fim, que o padrão de fatores descrito é o mesmo para estudantes, que, além disso, possuem agravantes, como: carga horária cheia, poucas horas de sono e má alimentação.

Por mais que a prática da automedicação culmine em consequências prejudiciais ao público que a adota, piorando muitas vezes a qualidade de vida a longo prazo, esse é um hábito frequente no ambiente acadêmico, tanto pelo desconhecimento dos efeitos nocivos, quanto pelo maior contato com informação por meio do ambiente virtual, em que há diversos “tratamentos” para os sintomas mais comuns (COELHO *et al.*, 2016).

Embasado nessa premissa, a presente pesquisa propõe identificar a quantidade de acadêmicos de Medicina dos 3º e 8º períodos, estudantes em uma instituição específica, que adotam a automedicação e analisar se há alteração dessa prática entre os estudantes. Também há a proposta de identificar quais são os medicamentos mais utilizados entre os dois períodos e avaliar o grau de automedicação, visto que os do terceiro período ainda não cursaram a disciplina de Farmacologia e os do oitavo, que já passaram por ela.

MATERIAL E MÉTODO

A pesquisa foi desenvolvida em uma disciplina intitulada Projeto Integrador IV - GESTÃO, EDUCAÇÃO, SAÚDE DA COMUNIDADE.

A disciplina Projeto Integrador tem por objetivo incentivar e facilitar o aprendizado integral do aluno baseado em desafios.

Diante do tema proposto pela disciplina, foi feita uma discussão entre os integrantes para a definição do assunto a ser trabalhado. Ficou acordada a realização de uma pesquisa com o tema: AUTOMEDICAÇÃO.

Trata-se de um estudo descritivo entre estudantes dos terceiro e oitavo períodos do curso de Medicina em uma instituição de ensino superior na cidade de Porto Velho, Rondônia, referente à automedicação entre os acadêmicos que estavam cursando os referidos períodos no primeiro semestre de 2019.

A partir do levantamento bibliográfico, o instrumento utilizado para avaliação do consumo de medicamentos por conta própria foi elaboração de um questionário próprio posteriormente apresentado em sala para discussão.

O questionário se deu de forma interrogativa e nele, os candidatos informaram dados demográficos, socioeconômicos e estudantis. Informaram ainda, quais analgésicos fazem uso sem prescrição, a quantidade utilizada, se leem a bula e quem normalmente indica o medicamento. Além disso, questionou-se qual tipo de dor mais sentem, se buscam atendimento médico, se já apresentaram algum efeito adverso e se têm conhecimento dos riscos da automedicação. Enquadrando-se no critério de exclusão aqueles que tenham ingerido analgésicos prescritos pelo médico.

Logo após, foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa do Centro Universitário São Lucas sendo aprovado com parecer número 3.094. 843 com CAAE 97281118.5. 0000.0013, no dia 19 de dezembro de 2018.

A data de aplicação do questionário ocorreu em 18 de fevereiro de 2019, no Centro Universitário São Lucas, localizado na Rua Alexandre Guimarães, número 1927, bairro Areal, na cidade de Porto Velho, Rondônia, para os acadêmicos maiores de 18 anos que cursavam o 3º e 8º período de Medicina que aceitaram participar da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, investigando sobre o uso de analgésicos sem prescrição médica.

RESULTADOS

Foram entrevistados 56 acadêmicos dos terceiro e oitavo períodos do curso de Medicina no Centro Universitário São Lucas. Destes foram excluídos 9 que alegaram procurar um médico quando sentem dor e alegaram tomar analgésicos prescritos por médicos. Totalizando 47 entrevistados, sendo 27 alunos do 3º período e 20, do 8º período.

Na identificação e aspectos socioeconômicos do questionário utilizado nesta pesquisa, evidenciou-se uma população majoritariamente feminina, em ambos os períodos. A faixa etária predominante foi a de 18 a 24 anos tanto no terceiro quanto no oitavo semestre. Além disso, a maioria da população estudada informa renda maior que quatro salários mínimos, conforme apresentada na Tabela 1.

Tabela 1 – Número e porcentagem de acadêmicos divididos por sexo, idade e renda, Porto Velho, fevereiro de 2019.

		Número de Entrevistados e Porcentagem por Período	
		3º Período	8º Período
Sexo	Feminino	21 (77,77%)	12 (60%)
	Masculino	6 (22,22%)	8 (40%)
Idade	18 - 24	26 (96,29%)	14 (70%)
	25 - 30	1 (3,70%)	5 (25%)
	31 - 40	0	1 (5%)
Renda	Até 1 salário mínimo	0	1 (5%)
	Entre 2 e 3 salários mínimos	2 (7,40%)	3 (15%)
	Mais que 4 salários mínimos	25 (92,59%)	16 (80%)

Fonte: Os Autores (2019).

Tabela 02 – Frequência e porcentagem de acadêmicos do 3º período quanto a informações sobre o que fazem quando sentem dor, conhecimento dos riscos e leitura da bula aplicado no questionário, Porto Velho, fevereiro de 2019.

Perguntas	Respostas	Frequência e Porcentagem do 3º Período
Quando você sente dor, o que você faz ?	Ir ao médico	6 (17,64%)
	Tomar um remédio sem prescrição	27 (79,41%)
	Não responderem	1 (2,94%)
Você sabe os riscos, contraindicações e efeitos colaterais do medicamento que você utiliza ?	Sim	14 (51,85%)
	Não	13 (48,14%)
Você lê a bula antes de fazer uso do medicamento ?	Sim	12 (44,44%)
	Não	15 (55,56%)
Você já teve algum efeito adverso ou alergia ao usar um medicamento sem prescrição ?	Sim	2 (7,40%)
	Não	25 (92,59%)

Fonte: Os Autores (2019).

Tabela 3 – Frequência e proporção de acadêmicos do 3º Período quanto as respostas ao questionário aplicado, Porto Velho, fevereiro de 2019.

Perguntas	Respostas	Frequência e Porcentagem do 3º Período
Possui plano de saúde ?	Sim	17 (62,96%)
	Não	10 (37,03%)
Sabe o que é automedicação ?	Sim	27 (100%)
	Não	0
Qual tipo de dor você mais sente ?	Cefaléia	18 (50%)
	Dor muscular	8 (22,22%)
	Cólica	6 (16,67%)
	Outros	2 (5,56%)
	Não responderem	2 (5,56%)
Qual sua primeira opção para medicamento ?	Dipirona	14 (40%)
	Ibuprofeno	2 (5,71%)
	Paracetamol	7 (20%)
	AAS	0
	Dorflex	5 (14,28%)
	Torsilax	3 (8,57%)
Você já teve algum efeito adverso ou alergia ao usar um medicamento sem prescrição ?	Outros	4 (11,42%)
	Sim	2 (7,40%)
Normalmente, quem indica os medicamentos que você usa ?	Não	25 (92,59%)
	Familiares	14 (35,89%)
	Médico	8 (20,51%)
	Por conta própria	9 (23,07%)
	Amigos	2 (5,12%)
	Farmacêutico	5 (12,82%)
	Meios de comunicação	1 (2,56%)
	Outros	0

Fonte: Os Autores (2019).

Tabela 4 – Frequência e porcentagem de acadêmicos do 8º período quanto a informações sobre o que fazem quando sentem dor, conhecimento dos riscos, reações adversas e leitura da bula aplicado no questionário, Porto Velho, fevereiro de 2019.

Perguntas	Respostas	Frequência e Porcentagem do 8º Período
Quando você sente dor, o que você faz ?	Ir ao médico	2 (9,09%)
	Tomar um remédio sem prescrição	20 (90,9%)
	Não responderem	0
Você sabe os riscos, contraindicações e efeitos colaterais do medicamento que você utiliza ?	Sim	15 (75%)
	Não	5 (25%)
Você lê a bula antes de fazer uso do medicamento ?	Sim	11 (55%)
	Não	9 (45%)
Você já teve algum efeito adverso ou alergia ao usar um medicamento sem prescrição ?	Sim	3 (15%)
	Não	17 (85%)

Fonte: Os Autores (2019).

Do total de entrevistados, em ambos os semestres, 100% informaram saber o que é automedicação. Dentre os entrevistados do terceiro período de Medicina, 79,41% alegaram não ir ao médico quando sentem algum tipo de dor e 51,85% informaram saber dos riscos que a automedicação pode

trazer a um indivíduo. No entanto, apenas 44,44% dos acadêmicos desse semestre dizem ler as bulas dos medicamentos que utilizam, conforme exposto na Tabela 2.

Quanto a efeitos adversos, 92,59% dos alunos do terceiro período relatam nunca terem sofrido com reações adversas de

medicamentos provenientes de automedicação, enquanto apenas 7,40% do mesmo grupo informam ter sofrido reações adversas de medicamentos provenientes de automedicação. Quanto à indicação dos medicamentos, 35,89% do grupo de discentes do terceiro semestre tomam medicamentos indicados por familiares, 23,07% tomam remédio por conta própria e 12,82% tomam por indicação de farmacêuticos, conforme mostrado na Tabela 3.

Dentre os entrevistados do oitavo período, 90,90% informam não ir ao médico quando sentem algum tipo de dor e 75% alegam saber dos riscos que a automedicação pode trazer para o indivíduo. No entanto, apenas 55% dos acadêmicos desse semestre dizem ler as bulas dos medicamentos que utilizam. Quanto aos efeitos adversos, 85% dos acadêmicos do oitavo período negam ter sofrido reações adversas de medicamentos provenientes de automedicação, enquanto 15% do mesmo grupo alegam já terem sofrido reações adversas de medicamentos provenientes de automedicação, conforme apresentado na Tabela 4.

DISCUSSÃO

Segundo Melo e Castro (2018), há diversos Medicamentos Isentos de Prescrição (MIP) que, apesar de indicados para o tratamento das doenças, podem representar sérios riscos à saúde da população. Diante disso, Martinez *et al.* (2014) menciona que os estudantes e profissionais da área da saúde, por possuírem maior conhecimento a respeito dos medicamentos e seus riscos, deveriam ser os principais engajados em evitar a prática da automedicação. No entanto, Albuquerque *et al.* (2015) evidencia, por meio de estudo, que a automedicação se tornou comum entre os estudantes de Medicina devido a fatores como o contato direto com medicamentos, facilidade de aquisição e conhecimentos adquiridos ao longo do curso.

Neste estudo, o sexo feminino supera a automedicação em relação ao masculino em 2,26%, sendo este resultado semelhante

ao encontrado por Albuquerque *et al.* (2015), que justifica o resultado em razão da maior procura por cuidados e pelas peculiaridades relacionadas à saúde da mulher em diferentes épocas da vida. Rocha *et al.* (2011) também demonstra resultados semelhantes em seu estudo, visto que, a utilização dos medicamentos foi maior entre as mulheres pois, no 2º ano, dos 99% estudantes que se automedicaram, 58% eram mulheres.

Em relação à renda, o estudo de Silva *et al.* (2013) com a população geral, demonstrou uma taxa de automedicação de 66,83% entre as pessoas que ganhavam menos de 2 salários mínimos. Já nas que ganhavam de 2 a 3 salários mínimos essa taxa diminuía para 59,74% e para 50%, as que ganhavam mais de 4 salários mínimos. No presente trabalho, constatou-se uma porcentagem de 2,12% de automedicação entre aqueles com renda de até um salário mínimo, 10,63% para renda entre 2 a 3 salários e 87,23% entre os que possuem renda igual ou superior a 4 salários mínimos. Os resultados obtidos com os estudantes de Medicina divergem, portanto, do estudo de Silva *et al.* (2013) que engloba a população geral, pois, neste estudo, a automedicação prevalece entre os estudantes de Medicina de maior renda.

Tomasini *et al.* (2015) observou que entre os estudantes que realizam automedicação, 85% possuem plano de saúde privado e 88% não possuem. Neste trabalho, entre os estudantes que se automedicam, 62,96% e 75%, respectivamente dos 3º e 8º períodos, afirmam possuir plano de saúde, representando, portanto, a maioria e sendo divergente em relação ao estudo de Tomasini *et al.* (2015).

Frente às situações de dores e desconfortos, apenas 7,64% e 9,09% dos universitários, respectivamente dos 3º e 8º períodos, afirmam que procuram o médico. Este resultado mostra-se divergente do estudo de Coelho (2016), o qual menciona a procura por assistência médica entre a maioria dos estudantes (85%), e a prática da automedicação entre a minoria (18%).

Segundo estudo realizado por Silva *et al.* (2012), as prevalências de automedicação entre os alunos das diferentes etapas do curso de Medicina foram 86,6%, 90,0%, 93,3%, 94,4% e 97,1%, respectivamente, entre os alunos do 1º ano, 2º ano, 3º ano, 4º ano e internato. Desse modo, os resultados apontaram que 90,0% dos alunos do 2º ano relatam se automedicarem, diferentemente dos alunos do 4º ano, cuja prática ocorre em 94,4%. Neste estudo, ao comparar alunos dos 3º e 8º períodos, notam-se dados semelhantes ao de Silva *et al.* (2012), de modo que os estudantes de período superior apresentam maior porcentagem de automedicação.

De acordo com Chechuen Neto *et al.* (2006), 90,36% dos estudantes de Medicina julgam desnecessária a procura por orientação médica para a compra de medicamentos, apesar de 97,87% do total de alunos reconhecerem os riscos da prática de se automedicarem. No presente estudo, notou-se um valor visivelmente inferior ao citado acima, pois 48,15% e 25% dos universitários, respectivamente dos 3º e 8º períodos, alegam não saberem dos riscos do uso indiscriminado de fármacos.

Chechuen Neto *et al.* (2006) também constatou em seu estudo que há uma porcentagem maior em relação à prática de automedicação entre os períodos mais avançados, além de um maior conhecimento a respeito das contraindicações e efeitos colaterais por parte deles (89,01%), quando comparados aos estudantes de períodos iniciais (67,44%). Da mesma maneira, em nosso estudo, 75% dos universitários do 8º período alegam conhecer os riscos de se automedicarem, enquanto apenas 51,85% do 3º período demonstram esse conhecimento.

Ainda de acordo com Chechuen Neto *et al.* (2006), a compra de medicamentos sem receita médica é realizada com frequência entre 75% dos estudantes de Medicina entrevistados, mostrando que o hábito de ler a bula é adotado majoritariamente pelos alunos de períodos avançados. Neste estudo, o resultado é igualável ao de Chechuen Neto *et al.* (2006), visto que, no 8º período, 55%

dos universitários possuem o costume de ler a bula enquanto que no 3º, a prática foi mencionada por 44,44% dos universitários.

Em relação aos efeitos adversos ocorridos durante a automedicação, o estudo de Galato *et al.* (2012) identificou que estiveram presentes em 6,4% dos estudantes, enquanto Chechuen Neto *et al.* (2006) constatou o fato em 6% dos entrevistados. Neste estudo, obteve-se resultado semelhante com os universitários do 3º período, em que 7,4% informaram reações adversas após a automedicação. No entanto, em relação aos universitários do 8º período, o resultado mostrou-se superior ao dos autores acima, pois 15% dos indivíduos mencionaram reações provenientes do uso de medicamentos sem prescrição médica.

Segundo Galato *et al.* (2012), a respeito da automedicação, farmacêuticos ou demais funcionários das farmácias são os responsáveis pela maior parte das indicações de medicamentos (49,2%), seguido de familiares, vizinhos e amigos (58,9%). Já no trabalho realizado, entre os estudantes do 3º período, a indicação dos medicamentos é predominantemente pelos familiares (35,8%), por outro lado, no 8º, há o predomínio do uso de medicamentos por conta própria, representando 45,83%.

Segundo Faria e Cunha (2014), entre os motivos que levaram os estudantes a fazerem uso de medicamentos no último mês, destacou-se a dor (33,6%). Já segundo Malafaia e Alves (2014), a experiência de já ter usado algum medicamento que curou uma doença ou enfermidade predomina em 66,4% dos alunos de diferentes graduações, como um dos motivos que normalmente os levam à prática da automedicação.

Na pesquisa realizada por Lopes *et al.* (2014) com alunos de cursos da área da saúde, humanas e exatas, entre as queixas que motivaram a automedicação, a cefaleia destaca-se como principal (89,29%), mostrando ser também a principal queixa obtida neste estudo, pois fora mencionada por 50% e 52,17%, respectivamente dos 3º e 8º períodos. Além disso, Faria e Cunha (2014) demonstraram que um número

significativo de estudantes (38%) justifica a automedicação por ser aluno de Medicina e por possuir conhecimento suficiente.

Ao questionar os estudantes dos dois períodos a respeito das primeiras opções de escolha entre medicamentos analgésicos, foram citados de modo mais frequente o uso de Dipirona e Paracetamol, obtendo porcentagem semelhante àquela referida por Galato *et al.* (2012), em que Paracetamol (14,3%) e Dipirona (12%) foram os mais mencionados.

Uma limitação presente no estudo é o fato de não ter analisado a motivação pela qual os universitários se automedicam, visto que pode variar entre facilidade de acesso em farmácias, tempo de espera por atendimentos médicos, uso de medicamentos que restaram em casa por outros tratamentos,

conhecimentos adquiridos durante a graduação, entre outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se que na população estudada é consideravelmente alto o número de estudantes que fazem uso de medicação sem prescrição médica. Os dados dessa pesquisa podem ser utilizados na busca por motivos que levam a população analisada a se automedicar, uma vez que são muitos os fatores envolvidos no tema. Com isso, fazem-se necessários mais estudos na área para que possam traçar uma estratégia no uso racional de medicamentos em estudantes da área da saúde.

ANALGESIC AUTOMEDICATION BETWEEN ACADEMICS OF THE 3RD AND 8TH PERIOD OF A MEDICINE COURSE OF A HIGHER EDUCATION INSTITUTION OF PORTO VELHO RONDONIA

ABSTRACT: Self-medication is conceptualized as a practice of treatment of signs and symptoms through the use of non-prescription medicines. In this study, a questionnaire was developed to medical students for third and eighth period of São Lucas University Center with the objective to evaluate if there is a difference in the degree of self-medication among students who have already studied pharmacology and those who have not studied yet, in this way, which analgesics are most used by students and the potential risks of chronic use. In this context, a population of 56 students of third and eighth period was interviewed, in which 100% knew the definition of self-medication. Regarding the knowledge about the medicine through the reading of the package insert, the eighth period students were more willing to read it compared to the third period. About go to the doctor in case of pain, the majority of the academics of the two periods showed aversion to this practice. Regarding the indication of the medicine, the majority of the students of the third period is influenced by the family, whereas those of the eighth period take on their own. Regarding the adverse reactions, the majority of the population of the two groups showed not to suffer with such problematic. When evaluating the analgesics most used by students who self-medicate, the result was Dipirone, Paracetamol and Dorflex. Finally, when analyzing the pathologies that most lead to the practice addressed the result was: headache, muscle pain and cramps.

Keywords: self-medication; pain; analgesic.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, L.; FRANCO, R. C.; SILVA, L. L.; DANTAS, A. F.; ALENCAR, J. L.; SÁ, M. F. **Avaliando a automedicação em estudantes do curso de medicina da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).** Revista acadêmica do centro de ciências médicas da Universidade Federal da Paraíba. v. 1 n. 1, jan/abr. 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/rmp/article/view/18278>. Acesso em: 12 ago. 2018.

COELHO, M. T; SANTOS, V. P; CARMO, M. B; SOUZA, A. C; FRANÇA, C. P. **Relação entre a autopercepção do estado de saúde e a automedicação entre estudantes universitários.** 2016. 5-13 p. Artigo científico (Bacharelado Interdisciplinar em saúde) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, 2017. 6. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/1141/817>. Acesso em: 17 ago. 2018.

CORREA, B. CAMPANINI, C. A; PAIVA, L. C.; SILVA, R. N; MALFARÁ, W. R; CRISCI, A. R. **Avaliação da Função Renal e Alterações Morfológicas em Ratos Tratados com Dipirona em Diferentes Doses.** Revista J. Health Sci. 2016; v. 18. n. 1. Centro Universitário Barão de Mauá, Ribeirão Preto – SP 2015; Disponível em: <http://www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/JHealthSci/article/view/3512>. Acesso em: 16 de ago. 2018.

CHECHUEN NETO, J. A.; SIRIMARCO, M.; CHOI, C. M.; BARRETO, A.; SOUZA, J. **Automedicação entre estudantes da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora.** Disponível em: <https://hurevista.ufjf.emnuvens.com.br/hurevista/article/viewFile/18/13.2006>. Acesso em: 13 de Ago. 2018.

DOMINGUES, P. H. F; GALVÃO, T. F; ANDRADE, K. R. C; SÁ, P. T. T; SILVA, M. T; PEREIRA, M. G. **Prevalência da automedicação na população adulta do Brasil: revisão sistemática.** Rev. Saúde Pública, São Paulo, v. 49, 36, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S00349102015000100403&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 27 ago. 2018.

FARIA, L. M. O; CUNHA, M. M. S. S. **Perfil de Automedicação entre Estudantes de Medicina.** Revista científica Multidisciplinar das faculdades São José, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 02-10, 2014. Disponível em: <http://inseer.ibict.br/cafsj/index.php/cafsj/article/view/71>. Acesso em 11 fev. 2019.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas. **Evolução dos casos registrados de intoxicação humana por agente tóxico.** Mato Grosso do Sul, 2016. Disponível em: https://sinitox.icict.fiocruz.br/sites/sinitox.icict.fiocruz.br/files//Brasil10_1.pdf. Acesso em: 15 fev de 2019.

GALATO, D.; MADALENA, J.; PEREIRA, G. **Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v17n12/17.pdf>. Acesso em: 13 de Ago. 2018.

LIMA, A. S.; ALVIM, H. G. O.; **Revisão Sobre Anti-inflamatório Não-Esteroidais: Ácido Acetilsalicílico.** Revista de Iniciação Científica e Extensão - REIcEn. Faculdade de Ciências e Educação Sena Aires, Goiás. v.1, n.1, p.164-174, 2018 Disponível em: <http://revistasfaesa.senaaires.com.br/index.php/iniciacaocientifica/article/download/69/34>. Acesso em: 11 de Ago. 2018.

LOPES, J.; ELINE MATHEUS, M. **Riscos de hepatotoxicidade do Paracetamol. Revista Brasileira de Farmácia.** V. 94, n. 4, p 411-414, jan/ago. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://rbfarma.org.br/files/rbf-2012-93-4-3.pdf> Acesso em: 13 de ago. 2018.

LOPES, W. F. L; COELHO, M. E. O. M; OLIVEIRA, J. P; ARAUJO, Y. M. O; MELO, M. C. N; TAPETY, F. I. **A prática da automedicação entre estudantes de uma instituição de ensino superior de Teresina-Pi.** Revista interdisciplinar v. 7, n. 1, p. 17-24, jan. fev. mar. 2014 Disponível em: https://revistainterdisciplinar.uninovafapi.edu.br/index.php/revinter/article/download/148/pdf_91. Acesso em: 5 fev. 2019.

MARTINEZ, J. E; PEREIRA, G. A. F; RIBEIRO, L. G. M; NUNES, R; ILIAS, D; L. G. M. **Study of self-medication for musculoskeletal pain among nursing and medicine students at Pontifícia Universidade Católica - São Paulo.** Rev. Bras. Reumatol. São Paulo, v. 54, n. 2, p. 90-94, Abr. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0482-50042014000200090&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 Ago. 2018.

MELO, D.; CASTRO, L. **A automedicação no Brasil e a importância da farmacêutica na orientação do uso racional de medicamentos de venda livre: uma revisão.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v22n1/1413-8123-csc-22-01-0235.pdf>. Acesso em: 15 de ago. 2018.

NAVES, J. O. S; CASTRO, L. L. C; CARVALHO, C. M. S; MERCHÁN-HAMANN, E. **Automedicação: uma abordagem qualitativa de suas motivações.** Rio de Janeiro. Ciência e saúde coletiva, v. 15, n. 1, p. 1751-1762, Jun. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232010000700087&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 04 Fev. 2019.

ROCHA, A. M. O., CAVALCANTI, A. P., RODRIGUES, B. S., SOUZA, F. D., MORAIS, M. G., GURJÃO, M. M., NASCIMENTO, P. V. T., BRITO, T. M. **Perfil da utilização de medicamentos por estudantes de medicina da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).** Disponível em: <http://www.ufcg.edu.br/revistasaudefciencia/index.php/RSC-UFCG/article/download/40/43>. Acesso em 13 fev de 2019.

SILVA, J. A; GOMES, A. L; OLIVEIRA, J. P. S; SASAKI, Y. A; MAIA, B. T. B; ABREU, B. M. **Prevalência de automedicação e os fatores associados entre os usuários de um Centro de Saúde Universitário.** Revista Brasileira de Clínica Médica, São Paulo, v. 1, n. 11, p.27-30, fev. 2013. Disponível em: <http://files.bvs.br/upload/S/1679-1010/2013/v11n1/a3385.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2018.

SILVA, R; OLIVEIRA, T; CASIMIRO, T; VIEIRA, K; TARDIVO, M; FARIA, M; RESTINI, C. **Automedicação em acadêmicos do curso de medicina.** Medicina, Ribeirão Preto, 45(1), 5-11. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-7262.v45i1p5-11>. Acesso em: 13 fev de 2019.

TERRES, D. R. **Potencial Toxicológico De Medicamento De Venda Livre: Ênfase No Paracetamol.** FACIDER Revista Científica, n8. 2015. Disponível em: <http://sei->

cesucol.edu.br/revista/index.php/facider/article/view/135. Acesso em: 14 ago. Disponível em: <http://sei-cesucol.edu.br/revista/index.php/facider/article/view/135>. Acesso em: 14 ago. 2018.

TOMASINI, A. A., FERRAES, A. M. B., SANTOS, J. S. **Prevalência e fatores da automedicação entre estudantes universitários no Norte do Paraná**. Biosáude, Londrina, v. 17, n.1, 2015. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/biosaude/article/view/25285>. Acesso em: 13 fev 2019.